

O recalque (*verdrängung*): a teoria e o senso comum

Raylan Pigatti Silva*
Dalton Demoner Figueiredo**

Resumo

Neste estudo, propõe-se um percurso na obra freudiana buscando as mais nobres referências sobre o conceito de recalque, seu processo de elaboração teórica e seu modo de funcionamento a fim de manter em sua dignidade este conceito; diferenciando-o dos termos *recalque* e *repressão*; em seguida, dá-se atenção ao *recalque orgânico*; adiante, ao *recalque originário*; na sequência, ao *senso comum* e ao *recalque*. Por fim, abordo o recalque na clínica, trazendo contribuições à prática do psicanalista.

Palavras-chave: PSICANÁLISE; VERDRÄNGUNG; RECALQUE; REPRESSÃO.

The suppression (*verdrängung*): theory and common sense

Abstract

In this study, we propose a path in Freud's work seeking the noblest references about the concept of repression, its theoretical elaboration process and its way of functioning in order to maintain this concept in its dignity; differentiating it from the terms repression and suppression; then, attention is paid to organic repression; ahead the original repression; then, common sense and repression. Finally, I approach repression in the clinic, bringing contributions to the psychoanalyst's practice.

Keywords: PSYCHOANALYSIS; VERDRÄNGUNG; REPRESSION; SUPPRESSION.

La supresión (*verdrängung*): teoría y sentido común

Resumen

En este estudio, proponemos un camino en el trabajo de Freud que busca las referencias más nobles sobre el concepto de represión, su proceso de elaboración teórica y su forma de funcionamiento para mantener este concepto en su dignidad; diferenciándolo de los términos represión y supresión; entonces, se presta atención a la represión orgánica; adelante la represión original; entonces, sentido común y represión. Finalmente, me acerco a la represión en la clínica, aportando contribuciones a la práctica del psicoanalista.

Palabras-clave: PSICOANÁLISIS; VERDRÄNGUNG; REPRESIÓN; SUPRESIÓN.

* Psicólogo e Psicanalista, CRP 16/5766; Pós-graduando em Psicanálise e Clínica Contemporânea: Sujeito, Sofrimento e Intervenções (IPOG); Pós-graduando em Saúde Mental e Desenvolvimento Humano (PUCPR);
ORCID- ID: 0000-0003-3174-8102
E-mail: raylanpigatti@gmail.com

**Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicanálise, Saúde e Sociedade – UVA-RJ.
ORCID - ID: 0000-0001-5095-0985
E-mail: daltondemoner@gmail.com

Introdução

Os saberes populares e os conhecimentos científicos são produtores e produtos de amplas descobertas, ferramentas e linguagens que se mostram cada vez mais essenciais para a evolução e existência humana. Bock, Furtado e Teixeira (2009), em seu livro intitulado de *Psicologias*, nos dizem que o *senso comum* é um “[...] tipo de conhecimento que vamos acumulando em nosso cotidiano” (p. 18). É claro que, sem esse conhecimento intuitivo, de tentativas e erros, espontâneo, a nossa vida diária talvez ganhasse certa dose de dificuldade.

Com o tempo, o conhecimento foi-se especializando cada vez mais, até atingir um patamar de elaboração que possibilitou ao ser humano conquistar o espaço sideral. “*A esse tipo de conhecimento chamamos de ciência*” (Bock *et al.*, 2009, p. 19). Assim, de tal modo que se entende por Ciência um conglomerado de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade (que chamamos de objeto de estudo).

A Psicanálise se tornou muito conhecida após a publicação da *Die Traumdeutung*, em 1900; espalhou-se por todo o mundo e isso claramente culminou na apropriação ou não de diversos de seus termos teóricos/técnicos/clínicos, daquilo que se chama de *metapsicologia freudiana*, e dentre eles, o mais peculiar para a teoria, é o mais utilizado pelo senso comum: o *recalque*. Aqui, utilizo-me do trecho: “*beijinho no ombro pro recalque passar longe*”(1). De modo que corro, recorro ao criador da psicanálise: “*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*” (2). Buscar-me-ei então, as mais sublimes referências teóricas acerca do recalque a fim de garantir um melhor uso e apropriação daquilo que é tão valioso.

Diante de tudo isso, ou melhor, de erro em erro, vai-se descobrindo toda a verdade; para tanto, salientamos que fomos atraídos pelas seguintes questões: quais consequências dessa embaralhação conceitual entre o recalque proposto por Sigmund Freud e o recalque disseminado pelo senso comum? E o que pode gerar na compreensão teórica e na prática psicanalítica?

Em busca de esclarecimentos, esse artigo pretende apresentar o conceito desse mecanismo de defesa de maneira clara e sucinta, por meio de revisão bibliográfica das obras de Freud. Foi preciso, entretanto, elucidar inicialmente velhas distorções oriundas de más traduções das obras de Sigmund Freud. Para tanto, realizou-se uma sucinta comparação entre *recalque* e *repressão* mostrando que este segundo termo foge ao real sentido da proposta freudiana e, por isso, se torna inapropriado para o meio acadêmico.

Sendo assim, a compreensão deste conceito clínico é de suma importância para os estudantes de psicologia e adeptos da psicanálise; e o resultado deste trabalho ratifica o papel do recalque como sendo o mecanismo que funda e “organiza” o inconsciente e que Freud definiu como a “*pedra angular de sua teoria*”.

É possível que façamos em psicanálise algumas observações que apontem como a repressão de certas ações e comportamentos, atuantes nas dimensões social (3), cultural e histórica, pesa sobre cada sujeito, provocando o recalque de experiências que diz de desejos que, para certos modos de vida, são obscuros e inaceitáveis. Trata-se, assim, do que virá a ser chamado de recalque orgânico, uma concepção teórica que une os achados mais capitais da teoria psicanalítica da sexualidade inteiramente à teoria da evolução.

Escopo da Pesquisa

Na primeira parte, que chamo: *O recalque e a repressão*, faço uma diferenciação entre ambos. Na segunda parte, chamada *Recalque orgânico*, explico o conceito cunhado por Freud. Na terceira parte, intitulada de: *Recalque originário*, abordo um conceito importante quando se trata do psiquismo. Na quarta parte: *O senso comum: o recalque*, exponho o que o senso comum

entende por recalque e apresento o que ele de fato é. Por fim, na quinta parte, *A clínica: o recalque*, articulo os dois a fim de contribuir com a prática do psicanalista.

O recalque e a repressão

O termo “repressão” originou-se de uma quarta tradução – do alemão para o francês, do francês para o inglês e do inglês para o português – das obras de Freud e, por vezes, nos deparamos com a utilização do termo no ambiente acadêmico. O emprego certamente não é, contudo, o mais adequado para designar a função do recalque. Garcia-Roza (1995/ 2011), discorrendo sobre a diferença fundamental entre esses dois termos, sobretudo no que diz respeito à teoria e à prática psicanalítica, nos ensina que:

Uma pessoa pode reprimir uma outra, no sentido de impedir um ato ou uma palavra dessa outra, mas uma pessoa não pode recalcar uma outra. Quando muito podemos criar condições para que um recalque se faça, mas ele será sempre um processo interno a alguém (pp.164-165).

Assim, o termo “repressão” não deve ser utilizado como sinônimo para recalque, pois este termo não cumpre o papel de informar o real significado de tal processo psíquico. O autor supracitado ainda expõe que:

Esta é uma diferença clara nos múltiplos empregos dos termos “repressão” e “recalque” em português; o primeiro refere-se a uma ação que se exerce sobre alguém a partir da exterioridade, enquanto que o segundo designa um processo interno ao próprio eu. Sob este aspecto, a tradução mais consistente com o conceito freudiano de Verdrängung seria “recalque” ou “recalcamento” (1995/ 2011, p.164).

Deste modo, o emprego deste termo no meio acadêmico se torna um fator prejudicial para a produção científica, uma vez que abre margens para más interpretações do conceito de recalque e, conseqüentemente, prejudica totalmente a compreensão da metapsicologia freudiana.

Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, afirmam que, no linguajar comum, a palavra recalque representa o ato de fazer retroceder ou de repelir um indivíduo ou alguma coisa. Desta forma, é utilizada com relação a indivíduos a quem se quer negar acesso a um país ou a um espaço específico. Ainda nas palavras dos autores do Dicionário de Psicanálise (1998):

Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente (p. 647).

Portanto, o recalque é caracterizado por um evento interno ao sujeito, uma divisão interna, em termos freudianos. Enquanto, por sua vez, a repressão, dar-se-ia por um evento externo ao sujeito: cala-se este. Fato que, por si só, muito nos esclarece a confusão feita entre tais termos.

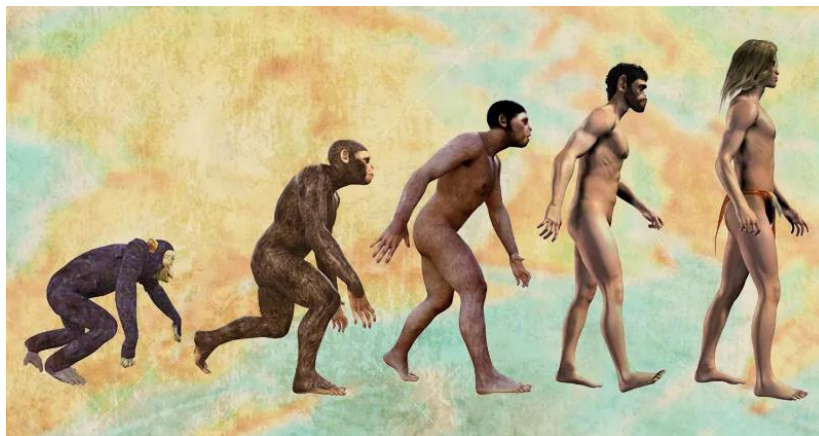
Recalque orgânico

A noção de recalque orgânico causa estranheza na maior parte dos psicanalistas acostumados a pensar e tratar o recalque apenas como um processo psíquico. Embora pouco explorado, o recalque orgânico, apresenta-se substancial “...para se compreender a ocorrência, em nossa espécie, do funcionamento pulsional e não instintual, o que dá à sexualidade humana

uma exuberância ilimitada, que a diferencia radicalmente da atividade sexual de todas as espécies animais” (Coutinho, 2013, p.142).

Compreende-se, então, que a noção de recalque orgânico se refere ao corpo humano, e não só a isso: se o primeiro recalque rege a fundação do sujeito enquanto indivíduo humano, o recalque orgânico indica nada mais nada menos do que aquilo que fez surgir a espécie humana propriamente dita. Em outras palavras, é a partir daí que se dá a passagem do instinto para a pulsão na esfera da sexualidade humana.

Em determinado momento histórico, quando os seres humanos adotaram a postura ereta e ergueram do chão o órgão do olfato, perdeu-se gradativamente este sentido, ocasionando, assim, o recalque do mesmo, mas não apenas isso; em consequência deste evento, aconteceu o recalque da sexualidade humana de modo geral, uma vez que o olfato era um fator de grande importância para a sexualidade.



Mas, como este fator a influenciava? Uma vez que é este que fez com que a atividade sexual humana se diferenciasse das demais espécies de animais?

Em “*O Mal-Estar na Civilização*”, Freud (1930/ 2010) se debruça novamente sobre a questão de forma mais profunda em extensas notas de rodapé. Ele escreve que:

A periodicidade orgânica do processo sexual foi mantida, mas o seu efeito na excitação psíquica reverteu no oposto. Essa mudança está ligada antes de tudo à retração dos estímulos olfativos, através dos quais o processo de menstruação atuava sobre a psique masculina. O seu papel foi assumido por excitações visuais, que, contrastando com os estímulos olfativos intermitentes, podiam ter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva dessa “repressão orgânica”, como defesa contra uma fase de desenvolvimento superada [...] (p. 61- 62).

A evolução da sexualidade humana até a forma como conhecemos atualmente seguiu seu curso, como podemos observar, mediante a desvalorização dos estímulos olfativos e da segregação da menstruação, até a supremacia dos estímulos visuais. Freud elabora o pressuposto de que o distanciamento gradativo do olfato dos órgãos sexuais removeu sua primazia enquanto único componente que proporcionava as trocas sexuais.

Com isso, fica claro que, no instinto, acontece o predomínio do olfato, enquanto na pulsão, todo o corpo tornou-se erógeno, sobretudo as bordas dos orifícios sobre as quais, segundo a leitura que se faz de Freud, hospedam as fontes da pulsão, onde se produzem privilegiadas trocas entre o Outro e o sujeito.

Por outro lado, a pulsão sexual, que se desenvolveu muito mais vigorosamente nos seres humanos do que na maioria dos animais superiores e se tornou constante – uma vez que superou a periodicidade animal –, teve que tomar outros rumos. Em suma, essa pulsão põe ao dispor das

operações civilizadas uma surpreendente quantidade de energia em função de uma notável característica ímpar, que é a “...capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação” (Freud, 1908/ 1996, p. 174).

Essa capacidade nos revela as mais nobres realizações culturais que servem aos propósitos da civilização determinadas pelos componentes pulsionais que, devido ao recalque, contornaram seu alvo.

Recalque originário

Na primeira tópica, ao elaborar o aparelho psíquico, Freud demonstra as vias pelas quais se forma o mecanismo do *recalque*. Ele nos convida a considerar “as relações existentes entre a inibição da descarga exercida pelo segundo sistema e a regulação efetuada pelo princípio do desprazer” (Freud, 1901 [1900]/ 1996, p. 623).

Ao examinar a oposição da vivência primária de satisfação, que segundo ele seria a vivência de medo frente a algo do exterior, ele nos convoca a supor que pesa sobre o aparelho psíquico primitivo uma força perceptiva que seja a origem de uma excitação dolorosa. Dessa forma, acontecem a seguir expressões motoras desordenadas, até que uma delas é capaz de fazer com que o aparelho se retire da percepção e, concomitantemente, da dor. Ao retornar à percepção, instantaneamente, o movimento é repetido, como um movimento de fuga, talvez, até que a percepção desagradável desapareça novamente. Em tal caso, não resta nenhuma propensão a recatexizar a percepção da origem da dor de qualquer outra forma ou alucinatoriamente. Ao contrário, existirá no aparelho primitivo uma predisposição a se afastar instantaneamente da imagem mnêmica aflitiva, havendo a possibilidade de revivê-la, pela mesma razão de que, se sua excitação se estendesse até a percepção, suscitaria o desprazer (Freud, 1901 [1900]/ 1996).

A evitação da lembrança, que não passa de uma recorrência da fuga precedente diante da percepção, é do mesmo modo facilitada pelo fato de que a lembrança, diferente da percepção, não contém qualidade o bastante para excitar a consciência e assim conseguir para si uma nova catexia: “essa evitação de lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva, feita sem esforço e com regularidade pelo processo psíquico, fornece-nos o protótipo e o primeiro exemplo de *recalcamento psíquico*” (Freud, 1901 [1900]/ 1996, p. 624).

Freud demonstra que em resultado do princípio do desprazer, o primeiro sistema fica inapto a inserir qualquer coisa desagradável no âmbito de seus pensamentos: “*Ele não pode fazer nada senão desejar*” (Freud, 1901 [1900] p. 624). Se as coisas continuassem nesse estado, o exercício de pensamento do segundo sistema seria bloqueado, já que ele reivindica acesso livre a *todas* as lembranças conservadas pela experiência.

Dessa forma, partindo de duas direções, chegou-se a hipótese de que a catexia pelo sistema secundário provoca um impedimento concomitante à descarga de excitação; chegou-se até este ponto ao se considerar o princípio do desprazer bem como o princípio do dispêndio mínimo de inervação (Freud, 1901 [1900]/ 1996).

E, Freud (1901 [1900]/ 1996) adverte que devemos reter firmemente estas informações pois, segundo ele, a chave para toda a *teoria do recalque* pode ser resumida da seguinte maneira: “*o segundo sistema só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento do desprazer que provenha dela*” (p.624).

“*Aprendemos com a psicanálise*”, nos diz Freud (1915/ 1996a), “*que a essência do processo de repressão (4) não está em pôr fim, em destruir a ideia que representa um instinto (5), mas em evitar que se torne consciente*” (p. 171).

E, em suas observações das neuroses de transferência[†], ele salienta que o recalque não é um mecanismo psíquico que se encontra instaurado desde o início, pois este “...só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente; e que a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (Freud, 1915/ 1996b, p. 152).

Freud (1915/ 1996b) supõe, ainda, que, antes da organização mental alcançar esta fase o trabalho de afastar as pulsões, cabia a outros destinos os quais as pulsões podem estar sujeitas, como o retorno rumo ao próprio eu ou a transformação em seu oposto. Ele explica que há, então, “motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto” (p. 153). Dessa forma, é estabelecida uma fixação, onde o representante em evidência permanece inalterado e a pulsão permanece ligada a ele. Nesse momento, momento da cena primária, o que ocorre é sua inscrição inconsciente sem que, apesar disso, lhe possa ser agregado valor traumático (Freud, 1915/ 1996b).

Luiz Alfredo Garcia-Roza (1995/ 2011) nos mostra que Jacques Lacan, em seu retorno a Freud, utiliza-se do “termo *Prägung* (cunhagem, estampagem), retirado da etologia, para designar essa inscrição da cena num inconsciente não recalcado” (p. 184). Essa inscrição, *Prägung*, acontece no registro do imaginário, não se vinculando ao sistema verbalizador do sujeito, uma vez que este momento é anterior à obtenção da fala; em outras palavras, nesse momento, a criança não dispõe de meios para entender seu significado. Na ocasião da cena primeva, não ocorre precisamente o recalque, mas sim aquilo a que Freud dá o nome de *recalque primordial*, um tipo de demarcação do psiquismo que, doravante, dará condição à sua cisão em dois grandes sistemas: o pré-consciente/consciente e o inconsciente (Garcia-Roza, 1995/ 2011).

Já a segunda fase da repressão, “a repressão propriamente dita, afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele” (Freud, 1915/ 1996b, p. 153). Sendo assim, a repressão propriamente dita é, portanto, uma pressão posterior. Desta forma, o recalque funda o inconsciente, ao mesmo tempo que nega o acesso à consciência de representantes psíquicos que geram desprazer ao sujeito, impedindo a passagem da imagem à palavra.

O senso comum: o recalque

Não só atualmente o termo “recalque”, que é oriundo da prática clínica psicanalítica, criada por Freud, tem-se popularizado e vinculado ao sentimento de inveja, tornando-se sinônimo desta. Fernanda Nunes Macedo (2014) nos lembra que a inveja é uma velha conhecida na nossa cultura, entretanto agora ela aparece nas mais diversas “*ilustrações das redes sociais, nas brincadeiras entre amigos e, é claro, na tradicional provocação alheia; só que com um nome teoricamente novo – recalque – para descrever um padrão comportamental conhecido de todos*” (p. 49). Completamente diferente do recalque que é um mecanismo de defesa que visa manter afastada ou eliminar da consciência do indivíduo representações que este considera intoleráveis, a inveja é um sentimento derivado do ódio e já se encontra no indivíduo desde a sua mais tenra infância.

De acordo com Walter Trinca (2009), entende-se que a inveja “*tem por substrato o ódio consciente ou inconsciente do indivíduo voltado contra si próprio por causa de lacunas, falhas ou faltas que se tornam insuportáveis na comparação com outro(s) indivíduo(s)*” (p. 52).

Sendo assim, entende-se que, a princípio, antes de destruir o(s) outro(s), a quem julga como sendo detentor(es) das invejadas características benevolentes, o indivíduo invejoso

[†] Freud, Sigmund. (1915). *Repressão*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1996, pp. 145 - 162.

direciona a si mesmo a acusação de carência ou déficit desses requisitos. Desta maneira, o indivíduo invejoso situa-se em uma posição denegrada, inaproveitável e infame, comparando-se com quem conserva o posicionamento ou a condição privilegiada (Trinca, 2009).

O indivíduo invejoso depara-se com um empecilho ou sente um prejuízo na conquista de um bem, vantagem ou favorecimento de que ele desejaria desfrutar, uma vez que acredita ser significativo ou plausível possuí-lo, mas lhe é negado; outro indivíduo é possuidor da posição ou regalia que lhe falta, falta essa que é vivenciada com dissabor, irritação, tristeza ou aflição, uma vez que implica inaptidão, inferioridade e humilhação (Trinca, 2009).

Por comparação, o ódio é direcionado a quem ou àquilo que lhe rememora deficiência, escassez, degradação e impotência. Em outras palavras, o ódio é resultante do entrave considerado irremovível à conquista do que é desejado, e o entrave é composto exatamente pela comparação, na qual as qualificações e requisitos do sujeito são considerados medíocres ou são denegradas. “*Contudo*”, escreve Trinca (2009), “*o ódio tem em mira remover ou destruir a fonte da comparação, que é o beneficiário do que é desejado, de onde aparentemente provém o sofrimento do sujeito*” (p. 53). A retirada ou aniquilamento dessa fonte tem por fim impossibilitar ou preencher a vivência sofrida de incapacitação, que conduziria à autorrejeição.

A clínica: o recalque

Freud (1914/ 1996a) define o recalque como “*a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise*” (p.26) e, afirma que foi a partir da “*repressão, que o estudo dos processos neuróticos se iniciou*” (Freud, 1937/ 1996, p. 249).

Desde suas primeiras publicações, e ainda utilizando o método hipnótico, o termo que em alemão recebe o nome de *Verdrängung*, já era referenciado pelo mesmo na forma de uma resistência. Assim, a teoria do recalque surgiu para responder sobre uma forma de resistência que causava amnésia e incidia sempre sobre questões voltadas à sexualidade.

Verificou-se que:

[...] o histérico habitualmente mostra uma amnésia em relação a algumas ou todas as experiências que levaram à instalação de sua doença, as quais, por isso mesmo, tornaram-se importantes para ele, e que, independentemente disso, podem ter sido importantes por si mesmas (Freud, 1899/1996, p. 289).

Esta resistência é considerada como uma defesa psíquica e tem como “*condição necessária para que ela ocorra [...] que a consecução, pelo instinto, de sua finalidade produza desprazer em vez de prazer*” (Freud, 1915/ 1996b, p.151).

Com o desenvolvimento da psicanálise, que privilegiou a associação livre, aconteceu o abandono da hipnose – técnica que buscava um recordar ideal, mas que “*corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado*” (Freud, 1914/ 1996b, p. 166). Com a modificação do método de tratamento o trabalho passou a se concentrar em “*descobrir, a partir das associações livres do paciente, o que ele deixava de recordar*” (Freud, 1914/ 1996b, p. 163). Essa resistência agora deveria ser driblada através da interpretação e fazendo o paciente saber os efeitos desta; é contínua a exigência de que o paciente produza derivados do que foi originalmente recalcado, “*que, em consequência de sua distância no tempo, ou de sua distorção, eles possam passar pela censura do consciente*” (Freud, 1915/ 1996b, p. 154).

O processo analítico busca conferir ao *eu*, que alcançou maior amadurecimento e vigor, a capacidade de executar uma retificação desses recalques do passado; alguns são destruídos, ao passo que alguns são identificados, porém reconstruídos novamente, a partir de material mais resistente. Em suma, o nível de solidez das novas represas é bem distinto do das anteriores; pode-se acreditar que não sucumbirão facilmente perante uma maré precedente da força pulsional (Freud, 1937/ 1996). “*Dessa maneira, a façanha real da terapia analítica seria a*

subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo” (Freud, 1937/ 1996, p. 240).

Na técnica utilizada atualmente, o analista abandonou o experimento que colocava em evidência um problema ou momento específico passando a dar atenção e a estudar tudo o que se apresente na superfície da mente do indivíduo; utilizando-se da arte da interpretação, sobretudo, para denotar as resistências que lá se apresentam, tornando-as conscientes para o paciente (Freud, 1914/ 1996b).

“O objetivo destas técnicas diferentes, naturalmente, permaneceu sendo o mesmo. Descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão” (Freud, 1914/ 1996b, p. 163).

No verão, durante uma viagem de férias, Freud conversava com um jovem de formação acadêmica que logo constatou que estava familiarizado com suas publicações psicológicas. O jovem, ao tentar encerrar seu discurso com um famoso verso de Virgílio se esquece de uma palavra e procede tentando esconder uma lacuna evidente em sua recordação invertendo a ordem das palavras. Irritado ao ver o rosto zombeteiro de Freud e, pensando que o mesmo estava a se comprazer com seu embaraço, pede-lhe ajuda para lembrar a palavra e dizer o verso completamente. Freud (1901/ 1996) forneceu-lhe, então, a citação correta: *“Exoriar(e) ALIQUIS nostris ex ossibus ultor”* (6), (p. 28).

O recalque tem, em relação a outros métodos de defesa, a mesma similitude que, por exemplo, a omissão tem com a distorção de um texto, mas que se pode descobrir nas mais diversas maneiras dessa falsificação, correspondentes à pluralidade de formas pelas quais o *eu* é transformado.

Antonio Quinet (2014/ 2000) explica que, à medida que o ato falho é uma manifestação do inconsciente que se desloca para o consciente, provindo do recalcado e manifesta-se desobedecendo ao sujeito, *“no esquecimento não se deixa aparecer na consciência o que se quer lembrar, e em seu lugar surge um significativo absurdo que dribla o recalque. É um ato de fala falho do sujeito, mas é bem-sucedido no sentido do inconsciente”* (p. 33).

Envergonhado por ter esquecido a palavra *aliquis*, mas sabendo que Freud defendia a tese de que não se esquece de nada sem uma razão, solicitou o desvendamento deste enigma. Freud aceitou, solicitando apenas que lhe comunicasse sem críticas tudo o que lhe ocorresse. O jovem iniciou seu processo de associação dividindo a palavra em: *a* e *liquis*. Em seguida ele diz que isso continua da seguinte maneira: *“Reliquien [reliquias], liquefazer, fluidez, fluido”* (Freud, 1901/ 1996, p. 28).

Essas últimas palavras o fizeram pensar em *“Simão de Trento”*, de quem havia visto as relíquias, em seguida lhe veio à mente a acusação de sacrifícios de sangue que naquela época estavam sendo lançadas novamente contra os judeus, e no livro de *Kleinpaul* [1892]. Prosseguindo, pensou num artigo que havia lido recentemente em um jornal italiano o qual achava que o título era *‘O que diz Santo Agostinho sobre as mulheres’*. Avançando, disse lembrar-se de um senhor, de nome *Benedito*, que havia encontrado em uma das viagens que havia feito (Freud, 1901/ 1996).

Freud logo percebeu que eles haviam chegado a uma sequência de padres e santos da igreja: São *Simão*, Santo *Agostinho*, São *Benedito*. Na sequência, ocorreu ao raciocínio do jovem o nome de *São Januário* e o milagre de seu sangue. Freud pontuou que ambos os santos, *Januário* e *Agostinho*, tinham a ver com o calendário, mas naquele momento gostaria que ele o ajudasse a lembrar do milagre do sangue. Disse, então, a Freud que o sangue de *são Januário* ficava guardado em um pequeno recipiente, em uma igreja de Nápoles, e que em um determinado dia santo este se *liquefazia* milagrosamente; o povo agregava muita importância ao acontecimento e ficava muito agitado quando havia algum atraso (Freud, 1901/ 1996).

Continuando, o jovem, hesitando em prosseguir com suas associações, disse a Freud que lhe havia ocorrido uma coisa íntima demais para ser comunicada e que, além do mais, não

enxergava a necessidade de contá-la e muito menos qualquer ligação. Freud lhe respondeu que poderia deixar essa ligação por sua conta, mas já que não poderia forçá-lo a relatar algo que lhe era desagradável, que não quisesse saber dele o motivo pelo qual havia se esquecido da palavra *aliquis*. Em um esforço contra a resistência de tocar no assunto, o jovem revelou a Freud que repentinamente havia pensado em uma dama de quem poderia receber uma notícia que seria desprazível para ambos. Depois de todas essas associações, Freud desvenda o enigma questionando o jovem sobre o teor da notícia: “*Que as regras dela não vieram?*” (Freud, 1901/1996, p. 29).

O jovem, espantado, pergunta a Freud: “*Como conseguiu adivinhar isso?*” (Freud, 1901/1996, p. 29). Freud responde dizendo que já não era tão difícil, pois ele já havia preparado bem o terreno até este ponto. Freud (1901/1996), então, explica o acontecimento:

Pense nos santos do calendário, no sangue que começa a fluir num dia determinado, na perturbação quando esse acontecimento não se dá, na clara ameaça de que o milagre tem que se realizar, se não... Na verdade, você usou o milagre de São Januário para criar uma esplêndida alusão às regras das mulheres (p. 30).

O jovem ficou perplexo por ter feito isso sem se dar conta e questiona Freud se havia sido por causa dessa expectativa angustiante que ele havia ficado inapto a reproduzir uma palavra que julgava tão insignificante – *aliquis*. O jovem interrompe Freud neste ponto pedindo que não levasse tão a sério os seus pensamentos, e interroga: “*Mas será que tudo isso não é apenas obra do acaso?*” Freud (1901/1996) responde:

Tenho que deixar a seu critério decidir se todas essas relações podem ser explicadas pela suposição de que são obra do acaso. Posso dizer-lhe, no entanto, que qualquer caso semelhante que você queira analisar irá levá-lo a “acazos” igualmente notáveis (p. 30).

Para Freud (1901/1996), isso era inegável, e demonstra outro caminho pelo qual se poderia chegar mais uma vez à mesma conclusão. Ele disse ao jovem que bastava iniciar pela divisão que ele mesmo havia proposto a princípio, *a-liquis*, e suas associações: *liquefazer, relíquias, fluido*. “*São Simão foi sacrificado quando criança; devo continuar, e mostrar como ele entra nesse contexto? O senhor pensou nele partindo do tema das relíquias*” (p. 30).

Considerações finais

Apesar da licença poética dos artistas, o recalque falado e cantado pelo senso comum como sinônimo de inveja não tem validade clínica e teórica. Toda a busca por esclarecimentos sobre o tema deste artigo passou por muitos questionamentos e inquietações que serão as molas propulsoras para novas pesquisas sobre a temática, uma vez que pretendo dar continuidade em um programa de pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado. De qualquer forma, foi possível evidenciar durante todo o trabalho de pesquisa que o termo *repressão* se apresenta como inadequado a compreensão da proposta freudiana e o emparelhamento do conceito (recalque) da prática psicanalítica com o significado de inveja do senso comum não deve ocupar o espaço acadêmico e, menos ainda, a sua compreensão para a atuação clínica. A confusão sobre o conceito de recalque proposto por Freud e o conceito cantado, dito e disseminado pelo senso comum deturpa a própria dinâmica de funcionamento do inconsciente proposto por Sigmund Freud.

Fica evidente que a discussão sobre tal conceito é fundamental para a formação e atuação profissional, visto que este é balizador para qualquer avanço ou inovação à luz da teoria psicanalítica. Talvez seja esta a razão pela qual o próprio Freud dá tamanha notoriedade para o funcionamento deste mecanismo em sua obra, cunhando-o com a expressão “pedra angular” e

estabelecendo um ponto de partida para se pensar a psicanálise e um norte para se construir um conhecimento sólido que permita, inclusive, navegar sobre as novas conjunturas sociais do mundo globalizado. Ao definir o que é e o que não é, cumprimos uma tarefa pessoal no sentido de fomentar e elucidar o estudo da teoria.

Referências

Bock, A. M. B., Furtado, O., Teixeira, M. de L. T. (2009). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 14ª ed. São Paulo (SP): Saraiva.

Coutinho Jorge, M. A. (2013). De Freud a Lacan: do objeto perdido ao objeto a. In: Quinet, A. (Org.). *As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. (pp. 141 – 151) São Paulo. Segmento Farma.

Freud, S. (1996). Lembranças encobridoras. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. (J. Salomão, Trad., Vol. III, pp. 289 – 307). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1899).

Freud, S. (1996). A psicologia dos processos oníricos. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos (1900-1901)*. (J. Salomão, Trad., Vol. V, pp. 537 – 647). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900 [1901]).

Freud, S. (1996). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)*. (J. Salomão, Trad., Vol. VI, pp. 19 – 272). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1901).

Freud, S. (1996). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. (J. Salomão, Trad., Vol. IX, pp. 169 – 186). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908).

Freud, S. (1996a). A História do movimento psicanalítico. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 18 – 73). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (1996b). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. (J. Salomão, Trad., Vol. XII, pp. 159 – 171). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (1996a). O inconsciente. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 163 – 209). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (1996b). Repressão. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 145 – 162). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In: Sigmund Freud Obras Completas. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13 – 122). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1930).

Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In: S. Freud. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *Moises e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. (J. Salomão, Trad., Vol. XXIII, pp. 221 – 266). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937).

Garcia-Roza, L. A. (2011). *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Introdução à metapsicologia freudiana; v. 3. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1995).

Macedo, F. N. (2014). Recalque versus inveja: beijinho no ombro. *Estudos de Psicanálise* 42, 47-51. Recuperado em 05/02/2020 de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200005&lng=pt&tlng=pt.

Quinet, A. (2014). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 2000).

Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Trinca, W. (2009). O sistema mental determinante da inveja. *Revista Brasileira de Psicanálise* 43(3), 51 – 58. Recuperado em 05/02/2020 de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000300006&lng=pt&tlng=pt.

Vianna, W., Vieira, A., Pardal, L. (2014). *Beijinho no ombro*. Recuperado em 10/02/2020 de: <https://www.letras.mus.br/valeska-popozuda/beijinho-no-ombro/>.

Notas:

- (1) Música *Beijinho no ombro*, de Valesca Popozuda, 2014.
- (2) “*Vou, se não dobro o céu, mover o inferno*” numa tradução simples.
- (3) O psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge - no texto ‘De Freud a Lacan: do objeto perdido ao objeto a’; que está presente no livro *As homossexualidades na Psicanálise*, organizado pelo professor e psicanalista Antonio Quinet - afirma que: “[...] se o recalque originário foi introduzido por Freud, em 1915, no texto metapsicológico sobre ‘As pulsões e suas vicissitudes’, para designar a operação que sustentaria a estrutura do sujeito neurótico e estaria na base de todos os recalques posteriores (secundários), o recalque orgânico designa nada mais nada menos que aquilo que teria produzido o advento da própria espécie humana” (Quinet, 2013, p.143).
- (4) Recomenda-se ao leitor que onde se ler a palavra *repressão*, bem como seus derivativos, se faça a substituição mental por *Verdrängung*, em alemão, que se traduz por: *recalque* - o termo correto.
- (5) Recomenda-se ao leitor que onde se ler a palavra *instinto* se faça a substituição mental por *trieb*, em alemão, que se traduz por: *pulsão* - o termo correto.
- (6) Literalmente: “Que de meus ossos surja alguém (*aliquis*) como vingador!” (FREUD, 1901, p. 28).

Citação/Citation: Silva, R. P.; Figueiredo, D. D. (2022) O recalque (*verdrängung*): a teoria e o senso comum. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 3-13.

Recebido: junho de 2020
Aprovado: outubro de 2022.